

As velas

Hans Christian Andersen

Era uma vez uma grande vela de cera, que conhecia perfeitamente seu próprio valor.

— Nasci de cera — dizia ela — e fui fundida em um molde. Dou melhor luz e ardo mais tempo que as outras velas. Meu lugar é no lustre ou no castiçal de prata.

— Que vida esplêndida! — disse a vela de sebo. — Eu sou de sebo, uma simples vela escorrida, mas tenho um consolo: valho um pouco mais que a vela de tostão, que só foi mergulhada no sebo duas vezes. Eu não: fui metida no sebo derretido oito vezes, para ficar de uma grossura conveniente. Ora, isso me basta! Não há dúvida que a vela de cera é mais distinta, mais feliz; mas a gente não pode mesmo escolher o seu lugar neste mundo... As velas de cera vão para o salão, são postas no lustre de cristal, enquanto eu fico na cozinha. Mas ora... afinal a cozinha é também um bom lugar: não é de lá que sai toda a alimentação da casa?

— Mas há coisa mais importante do que o alimento — retrucou a vela de cera. — É a vida social! Ver os outros brilharem, enquanto a gente mesmo está resplandecendo! Esta

noite vai haver um baile na casa, e daqui a pouco virão buscar-me, a mim e a toda a minha gente.

Mal acabava de dizer essas palavras, vieram mesmo buscar as velas de cera; mas também levaram a de sebo. A própria senhora tomou-a nas mãos delicadas e levou-a para a cozinha. Lá estava um menino com uma cesta, que encheram de batatas; puseram nela também algumas maçãs. A bondosa dama deu tudo aquilo ao menino pobre:

— Toma também esta vela, meu menino. Tua mãe fica a trabalhar até altas horas; a vela lhe poderá ser útil.

A filhinha da casa, que estava ao pé da mãe, disse, radiante de alegria:

— Eu também vou ficar acordada até altas horas! Temos um baile hoje, e eu vou usar um vestido com compridas fitas vermelhas.

E que luz lhe iluminava o rosto! Que alegria! Nenhuma vela de cera pode resplandecer como os olhos de uma criança!

E a vela de sebo pensava consigo:

“Que coisa magnífica! Nunca me hei de esquecer disto e nunca mais tornarei a ver coisa semelhante!”

Meteram-na na cesta, fecharam a tampa, e o menino carregou tudo para casa.

“Quem sabe onde irei agora!... Meu destino é ir para casa de gente pobre. Talvez nem me deem sequer um castiçal de latão, enquanto a vela de cera lá está, rodeada de prata, e vendo só gente fina... Como há de ser lindo espalhar luz para gente distinta! Mas minha sorte é ser de sebo e não de cera!”

E a vela chegou à casa da gente pobre: uma viúva e três filhos, que moravam num quartinho muito baixo, bem defronte ao palacete.

— Deus abençoe a bondosa senhora pelo seu presente! — disse a mãe. — Uma vela esplêndida, que pode ficar acesa até altas horas da noite!

E acendeu a vela.

— Arre! — disse ela. — Que mau cheiro tem esse fósforo com que ela me acendeu! Lá no palacete ninguém se atreverá certamente a oferecer coisa semelhante a uma vela de cera!

Lá também tinham acendido as velas, que derramavam luz para a rua. Vinham chegando, todas sacolejantes, as carruagens que traziam os convidados, vestidos de gala; e a música ecoava.

“Lá começa a festa”, pensou a vela de sebo.

E, lembrando-se do rosto radiante da menina, que brilhava ainda mais que todas as velas de cera, repetiu:

“Nunca mais tornarei a ver uma coisa assim!”

Naquele instante entrou a filha menor da casa pobre. Abraçou os irmãos, dizendo que tinha uma notícia muito importante — tão importante que só podia comunicá-la em segredo. E cochichou:

— Imaginem! Hoje vamos comer batatas assadas!

E o seu rosto irradiava de tanta felicidade. A vela despreendeu mais brilho e viu uma alegria tão grande como a que presenciara no palacete, quando a menina rica disse:

“Hoje há um baile em casa e vou usar um vestido com compridas fitas vermelhas!”

“Será então uma felicidade tão extraordinária comer batatas assadas? Porque noto que aqui, pelo menos entre as crianças, reina a mesma alegria que lá...”

Nisto deu um espirro — isto é, respingou, pois a vela de sebo não pode fazer mais do que isso.

Puseram a mesa e comeram as batatas. Que saborosas! Foi um verdadeiro banquete; depois cada criança recebeu uma maçã. E a menor recitou:

— Graças Te dou, Pai do Céu,
Por este alimento,
Que nos deu Tua bondade,

Pra nosso sustento.

Amém!

— Mamãe, mamãe! Não recitei bem os versinhos?

— Não é nisso que deves pensar, filhinha: lembra-te somente do bom Deus, que te deu o que comer.

Depois as crianças foram para a cama e, com um beijo da mãe, adormeceram logo.

A senhora ali ficou sentada, a coser, até altas horas da noite: precisava ganhar e ter com que comprar o sustento para si e para as crianças.

Do palacete, lá do outro lado da rua, vinham os sons da música e o brilho das velas. As estrelas cintilavam acima de todas as casas, das da gente rica e das da gente pobre, luzindo com brilho igual, com igual simpatia.

“Afiml, a noite foi bem agradável”, declarou a vela de sebo. “Acaso as velas de cera, lá no castiçal de prata, terão tido momentos melhores? Gostaria bem de sabê-lo antes de me apagar...”

Pensava nas duas crianças, igualmente felizes: uma, a menina iluminada pelas velas de cera; a outra, radiante à luz da vela de sebo...